

DIÁRIO DO PARÁ

Polícia

Domingo, 21 de janeiro de 1996

Polícia comete arbitrariedade contra consultor de firma inglesa

No último sábado, 13, Gordon Roddick, presidente da indústria de cosméticos inglesa The Body Shop International, que importa óleo de castanha dos índios Kayapos (Mebengokré) representou criminalmente na delegacia de Polícia de Redenção, no Sul do Pará, contra Saulo Petean, indigenista e consultor da empresa onde há quase seis anos vem trabalhando para estabelecer os negócios entre os índios e a Body Shop.

Gordon Roddick queixou-se que o consultor uma vez terminado o seu contrato com a empresa, não devolveu para a Body Shop uma máquina de fax, um computador e uma impressora, seis redes e seis mosquiteiros, um colete salva-vidas, várias lanternas solares e documentos pertencentes à Body Shop, bem como documentos e notas da empresa A-Ukre Trading Company de propriedade dos índios da aldeia A-Ukre.

Saulo Petean afirma que não se apropriou dos bens reclamados pela Body Shop: "São instrumentos de trabalho colocados à minha disposição, estavam sob a minha responsabilidade e eu havia declarado para Gordon que iria devolver os bens na segunda-feira, dia 15". Sobre o computador, Saulo disse que foi presente de Roddick, dado em 1992, junto com a nota fiscal do equipamento.

O consultor da Body Shop, cujo contrato termina em 31 de janeiro, não terá o contrato renovado porque a partir de agora a empresa vai contar com o apoio de uma organização multidisciplinar da Universidade Federal do Pará, Poema (Pobreza e Meio Ambiente da Amazônia), para prestar assessoria aos índios. Ele disse que estava na aldeia Pykany junto com Gordon Roddick e não quis atender o pedido do dono da Body Shop de viajar com ele de volta para Redenção na sexta-feira, dia 12, para fazer a transferência dos objetos para a Body Shop.

Segundo Petean, ele afirmou para Gordon Roddick que estaria disponível sim, para devolver os objetos na próxima semana e não no sábado como queria Gordon. Saulo falou que tinha um trabalho de assessoramento na aldeia Pykany ainda para ser feito e que Gordon queria controlar seus deslocamentos pelas aldeias, tentando proibir sua ida até aquela aldeia no período da visita dele, de outros empregados da Body Shop e de representantes do Poema. Ele disse que sua recusa foi uma tentativa de fazer o inglês compreender que estava estabelecido o fim do vínculo empregatício com a Body Shop, e que seria "um estúpido tentar controlar o direito de ir e vir de um brasileiro dentro do seu próprio país".

Petea afirma que atitude de Gordon e da sua funcionária Juncia Mallas, uma brasileira residente em Londres e casada com o inglês Charles Secrett, presidente da organização não-governamental "Friends of the Earth", foi pedir para a comunidade indígena que não permitisse a continuidade da sua presença na aldeia ao que não foram atendidos em nome da antiga amizade entre Saulo e os índios. "Diante da recusa dos índios, Juncia passou a ameaçar a comunidade dizendo que chamaria a Polícia Federal para retirar-me da aldeia, mas apesar da ameaça eles permaneceram firmes na decisão porque eles precisavam de mim", assegurou.

Saulo diz que no sábado, teve uma conversa com Paulinho Paikani pelo rádio que explicou que Gordon havia colocado um avião à sua disposição para buscá-lo na aldeia naquela mesma dia se ele aceitasse entregar os documentos que estavam sob a sua guarda. "O argumento de Paikani que eu estava errado como indigenista usando a comunidade indígena para resolver problemas meus com a Body Shop me convenceu", diz ele.

Saulo diz que veio à cidade acompanhado do índio Dorô Takak-ire, diretor financeiro da empresa Pykany. Entrou em contato por telefone com Paikani e agendou a reunião com os índios para o período da tarde. Ao tentar entrar em contato com Gordon, ele afirma que não o encontrou, bem como a nenhuma outra funcionária da empresa. Saulo Petean acrescenta que posteriormente ficou sabendo que a equipe da Body Shop estava escondida no Hotel Inácio, pois tinha instruí-

do os funcionários do hotel para informar que a equipe já tinha saído do hotel e viajado.

A prisão de Saulo Petean

Ainda no aeroporto, procurando confirmar a notícia de que Gordon já havia saído da cidade, Saulo recebeu uma ligação de sua assistente, Alessandra Cavalcante, dizendo que haviam dois homens armados em sua casa procurando por ele. Ele perguntou se os homens estavam em viaturas civis ou militares, mas foi informado que não. Temendo ser vítima de uma arbitrariedade policial, uma vez que ele garante que os homens não se identificaram nem apresentaram mandado ou ordem judicial, o indigenista se escondeu numa vicinal a 12 quilômetros de Redenção.

Uma hora depois, Saulo recebeu a visita do seu advogado, Afonso Mário Diniz, e a orientação para se manter escondido mais dois dias até a chegada do juiz que responde pela Vara Criminal da Comarca, quando iria tentar obter um "habeas-corpus" preventivo. "Tinha ser vítima do poder de Gordon, marido de Anita Roddick, a quinta mulher mais rica da Europa, proprietária da Body Shop, que possui 1.400 lojas em 46 países e mais 17 empresas", afirma.

Saulo conta que o motorista Valdeis voltou com o advogado a cidade para buscar seus pertences pessoais e depois de deixar o advogado no escritório o motorista foi detido e levado para a delegacia onde o delegado Aldo de Castro presençou o motorista para informar onde Saulo estava escondido.

O indigenista conta que por volta das 18h15, ele estava em seu refúgio somente de cuecas, pois tinha colocado a bermuda e camiseta para secarem devido a chuva que pegou. Foi quando ouviu duas buzinas, aproximou-se do carro e a uma distância de 50 metros gritou perguntando para o motorista se estava tudo bem. O motorista respondeu que sim, quando chegou perto do carro o motorista disse: "Saulo, está tudo acabado, eu já estou preso pelo delegado e estou trazendo um agente para te levar preso também. Pode se entregar".

Segundo Saulo Petean, ele então esclareceu para o motorista que ninguém pode ser preso sem mandado judicial ou se não em flagrante delito e perguntou para o agente Valdir: "Você trouxe intimação do delegado ou mandado judicial para me prender?" O investigador policial disse que não. Saulo perguntou ainda: "Eu estou de cuecas, você está vendo ou conector algum crime?" O investigador disse que não. Saulo conta que então afirmou para o agente: "Neste caso se você quiser me deter vai ter que coíter atrás do mim".

O policial explicou que não tinha razão para correr atrás de Saulo e muito menos atirar nele porque ele estava desarmado e não oferecia perigo. O agente Valdir perguntou que se eles voltassem para Redenção e trouxessem uma intimação do delegado, se ele iria para Redenção com o policial. Saulo relata que além da intimação pediu a presença do seu advogado junto com uma cópia do boletim de ocorrência ou representação contra sua pessoa e assim iria conversar com o delegado Aldo Gomes de Castro.

O motorista e o agente voltaram para Redenção e explicaram para o delegado a situação. Segundo o motorista, o delegado ficou furioso com o agente e com ele, acusando-os de terem recebido dinheiro do Saulo para não detê-lo. Imediatamente o delegado pegou o seu revólver e acompanhado de mais dois soldados, disse: "Que advogado que nada, eu vou lá buscar ele e trazer pelo menos um pedaço desse Saulo", afirma o motorista.

Petea diz que com sua experiência vivendo 22 anos na Amazônia de- cidiu empreender nova fuga para Redenção escondendo-se na vegetação da margem da estrada cada vez que se aproximava qualquer veículo ou pessoa, pois acreditava que o delegado não iria respeitar seus direitos garantidos pela Constituição de 1988. "Ao chegar na casa de um amigo por volta das 23h recebi a informação que Juncia havia dito que se eu não me apresentasse até as seis horas, minha casa

seria arrombada para ela tirar os pertences da Body Shop", explicou.

Saulo relata que demorou três horas para percorrer os 12 quilômetros de distância até chegar em Redenção às 23h e na sua caminhada observou o carro transportando o delegado, além de um intenso movimento de investigadores da Polícia em motocicletas procurando-o na estrada. Saulo ficou sabendo também através do motorista que quando o delegado chegou próximo do local na mata onde ele havia combinado de aguardar a chegada da Polícia e do seu advogado, o delegado mandou o motorista Valdir gritar: "Saulo, pode se apresentar que o seu advogado está aqui", mas o advogado não acompanhava a diligência.

Depois de tomar banho e trocar de roupa na casa de um amigo, o indigenista conta que às três horas da madrugada quando dirigiu-se para a sua casa acompanhado do seu advogado chegou um investigador. Logo após Saulo chegar na sua casa, abriu a porta, entrou e acendeu as luzes a varanda da sua casa ficou ocupada por três policiais.

Saulo relata que o advogado Afonso disse aos policiais: "Aqui está o meu cliente, chegou de uma caminhada pela estrada, está cansado e vai ficar na casa dele até o início da manhã quando vai procurar o dr. Aldo para prestar os esclarecimentos que forem necessários". O advogado afirmou que Petean estava amparado pelo Artigo 5º, da Constituição: "A casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem o consentimento do morador salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial".

Saulo conta que foi uma sorte ele ter conseguido entrar na casa dele sem ser visto de imediato pelos investigadores, porque eles tinham ordem do delegado para no caso dele tentar entrar em sua casa, os investigadores deveriam impedir e levá-lo preso para a delegacia, "para evitar que Saulo destruisse algum documento no interior da casa dele", conforme comentário entre eles, ouvido por Saulo.

Às 07:00 horas do domingo, dia 14, Saulo telefonou para a Delegacia e recebeu a informação de que o Aldo iria até a casa dele para conversar. Saulo recebeu o delegado e sua primeira afirmação foi a de que "minha casa está a sua disposição para atender sua curiosidade ou necessidade de averiguação, sem que seja necessário mandado judicial, porque não estou praticando nenhuma atitude contrária às leis do Brasil e estou com a consciência limpa dos meus atos".

Saulo disse ainda para Aldo, "desculpe delegado pelo trabalho que eu dei para o senhor e os seus investigadores, mas eu estava precavendo-me de uma arbitrariedade policial, uma prisão ilegal e a possibilidade de ser humilhado por um cidadão com passaporte britânico que usando de todo o poder econômico do qual é possuidor e aliado a uma brasileira equivocada em encontrar o lado correto para se posicionar, quis me prender como se eu fosse um delinquente".

Em seguida chegaram os advogados da Body Shop. Saulo conta que entregou o aparelho de fax e o colete salva-vidas e se negou a entregar o computador Macintosh e a impressora, que ele afirma ter ganho de presente junto com a nota de compra nos Estados Unidos. Na segunda-feira ele entregou os documentos da empresa A-Ukre Trading Co e na terça os documentos da empresa Pykany Trading Co.

No domingo 14, o indigenista recebeu ordem da Administração Regional da Funai em Redenção, no qual o administrador Célio Beckmann informou que sua presença no selo da comunidade indígena Kayapo tornou-se nociva conforme notícias que vinha recebendo dos próprios índios. Célio também o desautorizou a entrar em qualquer aldeia Kayapo.

Petea acredita que a determinação da Funai é intempestiva e deve ser fruto da atitude desesperada da funcionária da Body Shop, Juncia Mallas. "Ela tomou essa posição contra mim a partir do momento em que não permitiu que o poder econômico de um estrangeiro influísse no meu direito de ir e vir dentro do meu país", concluiu.